

GUY DE MAUPASSANT

Enquanto o criador do romance moderno, Balzac,¹⁹⁵ morria em Paris, no castelo de Miromesnil nascia o renovador do conto, Guy de Maupassant (1850-1893).

Filho de pais abastados, Maupassant concluiu os estudos secundários em Ruão. Entrando, pouco depois, na carreira das armas, tomou parte na desastrosa guerra franco-alemã e assistiu à debandada do exército francês. O desmoronamento do Segundo Império coincidiu com a ruína de seus pais, aliás desavindos e separados havia tempo; o desiludido ex-combatente julgou-se feliz em conseguir um lugar de amanuense no Ministério da Marinha. Não tardou em sentir-se desambientado naquele meio burocrático, pois desde cedo nutria pretensões literárias; para fugir ao tédio e ao desalento, cada fim de semana ia remar num barquinho sobre o Sena e o Marne. Essas três experiências — a guerra, a vida burocrática, a alegria dos desportistas boêmios em contato com o rio — viriam a fornecer assuntos para grande número de seus contos.

Teve o jovem escritor a sorte de encontrar um guia como talvez nenhum de seus predecessores. Flaubert,¹⁹⁶ amigo íntimo da família de sua mãe, aconselhava-o desde os primeiros passos na literatura, apontando-lhe defeitos, impedindo-o de dar à publicidade produções imaturas, inculcando-lhe alto senso de responsabilidade artística e o amor ao trabalho. Submetia o rapaz a uma rígida disciplina de estilo: mandava-o, por exemplo, passear no campo, observar uma árvore até que ela se lhe afigurasse diversa de todas as demais e, de volta, descrever em cem linhas o que vira. Foi esse mestre incomparável, que o aproximou de jornais e editores, quem primeiro o saudou calorosamente, quando, em 1880, na coletânea *As Noites de Medan*, organizada por alguns discípulos de Zola, Maupassant publicou sua primeira grande novela, “Bola de sebo”, a qual o celebrou de um dia para outro. Com a fecundidade do talento que encontrou o seu caminho e sente receptividade aos seus trabalhos, Maupassant escreveu em dez anos uns trezentos contos, além de seis romances, um volume de versos, três de impressões de viagens, e algumas peças, sem falar em outras obras menos importantes. O êxito sem precedentes de seus contos e romances trouxe-lhe inesperada fama e riqueza. Desligou-se do Ministério da Instrução Pública, para onde fora transferido, mobiliou seu apartamento de

Paris com luxo nababesco, comprou uma casa de campo no Mediterrâneo, adquiriu um iate, passou a frequentar os salões da aristocracia, teve grande número de vitórias amorosas — quando, de repente, a insidiosa doença que desde anos o minava se declarou em toda a força. Dores atrozes, tentativa de suicídio, a loucura, a paralisia progressiva, 18 meses de vida meramente vegetativa num manicômio: eis o triste fim dessa existência deslumbrante, invejada por tantos contemporâneos.

Maupassant morreu antes de completar 43 anos de idade.

Nascera para ser escritor, e escritor naturalista. “Talento robusto antes que fino, sem necessidade de expansão simpática, sem inquietude intelectual, não tinha nem afeições nem ideias que o levassem a deformar a realidade; seu coração não reclamava uma ilusão, seu espírito não procurava demonstrações.”¹⁹⁷ Com intuição genial, percebe, em anedotas ouvidas por acaso, cenas mal-entrevistas, casos contados, o germe de outros tantos contos. Observa a realidade com a funda atenção que lhe ensinou Flaubert, mas do que observou destaca apenas o essencial e conta-o com sobriedade enxuta e patética, sem comentários, desvios ou conclusões, com a insensibilidade de uma testemunha imparcial.

Nem todos consideram tal insensibilidade uma virtude. “Maupassant sabe pouco, lê pouco, compreende pouco” — escreve um de seus biógrafos, que por sua vez não parece tê-lo compreendido muito —, “não tem o dote da poesia, e impôs-se uma máscara impassível — motivos que o impedem de alargar o seu estilo, de criar novas e misericordiosas comunicações entre ele e o público, de um lado, e ele e a beleza, do outro”.¹⁹⁸

Porém existe uma poesia involuntária, e talvez seja esta a mais autêntica. “Se alguém entre os poetas modernos merece por excelência o nome de poeta ingênuo, parece-me que é o ultrapariense, livre, malicioso, zombeteiro, sarcástico novelista Guy de Maupassant. Ingênuo e inocente à sua maneira, por isento de qualquer suspeita do que se chama espiritualismo e racionalismo humano, fé na verdade, pureza da vontade, austeridade do dever, concepção religiosa da vida, lutas morais e contrastes intelectuais, através de que tais ideais se elaboram e se mantêm.”¹⁹⁹

Assim continua a discussão em torno de Maupassant como se fora vivo. Por haver sido homem de apetites brutais, de sensualidade preponderante, e alheio a preocupações éticas e metafísicas, e também por haver proclamado, um pouco por bravata, escrever para ganhar muito dinheiro, e não ligar nenhuma importância à literatura, muitos críticos, sobretudo anglo-saxônicos, ainda hoje lhe recusam a qualidade de gentleman, e menosprezam-lhe a obra. “A sua extraordinária técnica e habilidade o tornam o virtual inventor do conto comercial, mas não possuía as qualidades morais e intelectuais de um grande escritor.”²⁰⁰ Entretanto, outros autores não hesitam em colocá-lo entre os maiores. “Seus contos, vistos em conjunto, constituem uma suma épica do século XIX,

como A comédia humana, de Balzac. Como esta, os contos de Maupassant contêm mais do que a mera representação realística da vida moderna: mergulham até às raízes da existência humana.”²⁰¹

Posto não desconheçamos as limitações do gênio de Maupassant, vemos nele um dos maiores cultores do conto. Ninguém possuiu tão nítida intuição das características do gênero, e tem razão Albert Thibaudet²⁰² ao apontar que nunca fez um romance com assunto de conto. Em consequência do ritmo rápido de sua produção, encontram-se-lhe nos volumes contos insignificantes ou não plenamente realizados, situações e assuntos repetidos, narrativas excessivamente arranjadas para um naturalista — mas, com tudo isso, a sua obra contém dúzias de contos esplêndidos, espécimes eternos do gênero, que se revelam melhores a cada releitura, e entre os quais é difícilimo operar uma seleção.

Entre outros, W. Somerset Maugham, discípulo dos mais notáveis do contista, procurou dar uma definição da fórmula maupassantiana do conto.²⁰³ O núcleo deste é, em geral, uma anedota. Com o estritamente necessário de palavras o autor suscita um ambiente, caracteriza as personagens. Arquitetando bem a história, dosando o interesse, desperta no leitor a avidez de saber o desfecho, e o faz, satisfeita a curiosidade, voltar (em pensamento pelo menos) a admirar os pormenores, sempre admiráveis, do desenvolvimento. Apesar de proclamar-se realista, Maupassant não copia a vida; arranja-a, dramatiza-a, sem que o leitor, sob o golpe da emoção, dê por isso.

Mais adiante, ao falar em Tchekov, referir-nos-emos à oposição que se costuma estabelecer entre a fórmula maupassantiana e a tchekoviana do conto.²⁰⁴ H. E. Bates, teórico e cultivador moderno do gênero, lembrou-se de enumerar os pontos em que as duas se parecem: a profunda curiosidade dos autores, sua economia de meios, a simplicidade do vocabulário, a variedade dos tons e das atmosferas, a indiferença dos contistas à moral aceita, a impersonalidade da narração.²⁰⁵

As histórias de Maupassant podem-se dividir em grupos, conforme o ambiente em que se desenvolvem. Já lembramos os contos “de guerra”, “burocráticos” e “aquáticos”. Acrescentaremos as cenas da vida dos camponeses normandos, em parte cômicas ou grotescas; as narrativas de caça e pesca, com excelentes evocações da natureza; as histórias “gaulesas”, em que se mostra sucessor ora do cínico e alegre Boccaccio,²⁰⁶ ora do apaixonado e trágico Stendhal.²⁰⁷ Surpreender-nos-ia, na obra desse desesperado incréu, o vultoso número de histórias fantásticas e sobrenaturais, os casos de alucinação, loucura e sadismo, se ignorássemos a terrível herança familiar que o levou à demência. Devemos, por fim, mencionar um fato estranho, observado pelo crítico René Dumesnil:²⁰⁸ a décima parte dos contos, entre eles alguns dos melhores (“O sr. Parent”, “O campo das oliveiras”, “A inútil beleza”), e um dos seis romances (Pedro e João), focalizam o doloroso problema do filho adúltero abandonado pelo pai, “fruto de breves abraços e que — remorso ou consolação — sobrevive”, problema vasculhado de todas as

maneiras, quase sempre encarado sob o aspecto trágico. Supõe esse erudito que tal obsessão deve prender-se a algum fato até agora desconhecido da biografia de Maupassant, algum episódio pungente da sua tempestuosa vida passional.

O mais recente dos biógrafos de Maupassant, Michael G. Lerner,²⁰⁹ registra (embora sem lhes dar crédito) duas das suposições mais divulgadas. Segundo uma delas, teria tido o escritor com uma de suas numerosas amantes, Joséphine Litrelmann, três filhos, que deixou de legitimar e de criar; conforme outra, seria ele próprio filho ilegítimo — de Flaubert —, o que explicaria o interesse extraordinário que por ele tomou o grande romancista, facilitando-lhe a carreira quanto pôde.²¹⁰

DOIS AMIGOS

Paris estava bloqueada, faminta e arquejante. Tornavam-se muito raros os pardais nos telhados, e os esgotos despovoavam-se. Comia-se o que se encontrava.

Passeando tristemente, por uma clara manhã de janeiro, ao longo do bulevar exterior, com as mãos nos bolsos da calça e o ventre vazio, de repente o sr. Morissot, relojoeiro de profissão e chineleiro nas horas vagas, parou ante um colega, em quem reconheceu um amigo. Era o sr. Sauvage, um conhecimento travado à beira da água.

Todos os domingos, antes da guerra, Morissot partia ao amanhecer, levando em uma das mãos uma vara de bambu e às costas uma caixa de folha-de-flandres. Tomava o trem de Argenteuil, descia em Colombes, e depois caminhava a pé em direção à ilha Marante. Mal chegava a esse lugar de seus sonhos, punha-se a pescar; pescava até à noite.

Todos os domingos encontrava ali um homenzinho atarracado e jovial, o sr. Sauvage, merceeiro estabelecido na rua de Nossa Senhora de Loreto, outro pescador fanático. Não raro passavam os dois a metade do dia lado a lado, com a linha na mão e os pés oscilando acima da corrente; e tomaram-se de amizade.

Em certos dias não trocavam uma palavra. Algumas vezes conversavam; mas entendiam-se admiravelmente sem dizer nada, pois tinham gostos semelhantes e sensações idênticas.

Na primavera, de manhã, pelas dez horas, quando o Sol rejuvenescido fazia flutuar sobre o rio tranquilo essa pequena barrela que corre com a água, e derramava no dorso dos dois obstinados pescadores um bom calor de estação recente, por vezes Morissot dizia ao seu vizinho: — “Que doçura, hem?” — e o sr. Sauvage respondia: — “Não conheço nada melhor.” E isto lhes bastava para se compreenderem e se estimarem.

No outono, ao fim do dia, quando o céu, ensanguentado pelo poente, lançava na água imagens de nuvens escarlates, pupurejava o rio inteiro, inflamava o horizonte, tornava rubras como o fogo e dourava, entre os dois amigos, as árvores já tostadas, trementes

de um frêmito de inverno, o sr. Sauvage fitava Morissot, a sorrir, e exclamava: — “Que espetáculo!” E Morissot, maravilhado, respondia, sempre com os olhos no seu flutuador: — “Isto é melhor do que o bulevar, hem?”

Mal se reconheceram, apertaram-se as mãos com energia, muito comovidos de se reencontrarem em circunstâncias tão diversas. O sr. Sauvage, dando um suspiro, murmurou:

— Acontece cada uma!

Morissot, muito triste, gemeu:

— E que tempo! Hoje é o primeiro dia bonito do ano.

Com efeito, o céu estava inteiramente azul e repleto de luz.

Puseram-se a caminhar um ao lado do outro, meditativos e tristes. Morissot prosseguiu:

— E a pesca, hem? Que boa lembrança!

O sr. Sauvage perguntou:

— Quando voltaremos a ela?

Entraram num pequeno café e tomaram juntos um absinto; depois, voltaram a passear pelas calçadas.

Súbito, Morissot se deteve:

— Mais um verde, não?

O sr. Sauvage concordou:

— Às suas ordens.

E entraram noutra casa de bebidas.

Ao saírem, achavam-se muito atordoados, transtornados como pessoas em jejum cujo ventre está cheio de álcool. O tempo era doce. Uma brisa acariciante fazia-lhes cócegas no rosto.

O sr. Sauvage, a quem o ar tépido acabava de embebedar, parou:

— E se a gente fosse lá?

— Lá, onde?

— À pesca.

— Mas onde?

— Ora essa! Em nossa ilha. Os postos avançados franceses ficam perto de Colombes. Eu conheço o coronel Dumoulin; hão de nos deixar passar facilmente.

Morissot estremeceu de desejo:

— Muito bem. De acordo.

E separaram-se para apanhar os seus instrumentos.

Uma hora depois, caminhavam juntos no meio da estrada. Alcançaram, afinal, a casa de campo ocupada pelo coronel. Este sorriu do pedido dos dois homens, e anuiu à fantasia deles. Prosseguiram seu caminho, munidos de passaporte.

Não tardou que transpusessem os postos avançados, atravessassem Colombes abandonada, e se vissem à margem dos pequenos vinhais que descem para o Sena. Eram cerca de 11 horas.

Em frente, a aldeia de Argenteuil parecia morta. As eminências do Orgemont e do Sannois dominavam toda a região. A grande planície que vai até Nanterre estava deserta, completamente deserta, com suas cerejeiras nuas e suas terras cinzentas.

O sr. Sauvage, apontando os cimos com o dedo, murmurou:

— Os prussianos estão lá no alto!

E uma inquietação paralisava os dois amigos em face daquele ermo.

Os prussianos! Nunca eles tinham avistado nenhum, mas sentiam-nos ali desde meses atrás, ao redor de Paris, arruinando a França, pilhando, chacinando, esfomeando, invisíveis e todo-poderosos. E uma espécie de supersticioso terror somava-se ao ódio que tinham a esse povo desconhecido e vitorioso.

— E se encontrássemos alguns deles, hem? — disse Morissot, balbuciante.

O sr. Sauvage respondeu, deixando transparecer, a despeito das circunstâncias, esse gosto parisiense do gracejo:

— A gente lhes oferecia uma fritada.

Porém hesitavam em expor-se ao campo, intimidados pelo silêncio de todo o horizonte.

Por fim, o sr. Sauvage decidiu-se:

— Vamos, a caminho! Mas com cautela.

E desceram a um vinhedo, curvados em dois, de rastos, valendo-se de moitas para se resguardarem, olhar inquieto, ouvido atento.

Faltava atravessar uma faixa de terra nua para ganharem a margem do rio. Puseram-se a correr; e, apenas atingiram a ribanceira, agacharam-se entre os caniços secos.

Morissot colou o rosto ao chão para escutar se andava gente pelos arredores. Não ouviu nada. Estavam sozinhos, inteiramente sozinhos.

Serenaram-se e começaram a pescar.

Diante deles, a abandonada ilha Marante ocultava-se à ribanceira oposta. A casinha do restaurante achava-se fechada, parecia desamparada desde anos.

O sr. Sauvage pescou a primeira cavala. Morissot apanhou a segunda, e de momento a momento levantavam as linhas com um bichinho prateado a saltitar na extremidade do fio: verdadeira pesca milagrosa.

Introduziram delicadamente os peixes numa rede de malhas muito apertadas, mergulhada a seus pés. E uma alegria deliciosa os penetrava, essa alegria que nos domina ao reentrarmos no gozo de um prazer amado de que fomos privados por muito tempo.

O bom Sol destilava-lhes o seu calor entre as espáduas; já não ouviam nada, já não

pensavam em nada; ignoravam o resto do mundo: pescavam.

De repente, porém, um ruído surdo, que parecia vir de sob a terra, fez tremer o solo. O canhão voltava a troar.

Morissot volveu a cabeça, e avistou acima da ribanceira, além, à esquerda, o grande perfil do Mont-Valérien, que trazia na frente um penacho branco, um vapor do pó que acabava de cuspir.

E logo um segundo jacto de fumaça partiu do cimo da fortaleza; e alguns instantes depois ribombou nova detonação.

Seguiram-se outras, e a cada instante a montanha golfava a sua exalação de morte, soprava os seus vapores leitosos, que se erguiam com lentidão no céu calmo, formavam acima dela uma nuvem.

O sr. Sauvage ergueu os ombros:

— Lá continuam eles.

Morissot, que via, com ânsia, submergir-se pouco a pouco a pluma do seu flutuador, foi subitamente assaltado de uma cólera de homem plácido contra aqueles endemoninhados que se batiam assim, e resmungou:

— É preciso ser estúpido para matar desse jeito!

— São piores que animais — observou o sr. Sauvage.

E Morissot, que acabava de pegar uma mugem:

— E dizer-se que será sempre assim, enquanto houver governos!

O sr. Sauvage o deteve:

— A República não teria declarado guerra...

Morissot interrompeu-o:

— Com os reis, temos a guerra fora de portas; com a República, temos a guerra dentro de casa.

E pegaram tranquilamente a discutir, ferindo os problemas políticos com uma razão sadia de homens mansos e limitados, acordes quanto a este ponto: nunca se teria liberdade. E o Mont-Valérien troava sem repouso, demolindo a balaços de artilharia casas francesas, triturando vidas, arrasando seres, aniquilando muitos sonhos, muitas esperadas alegrias, muitas felicidades prometidas, abrindo em corações de esposas, em corações de mães, além, noutras terras, sofrimentos que não mais teriam fim.

— É a vida — declarou o sr. Sauvage.

— Diga antes que é a morte — replicou Morissot a rir.

Mas estremeceram de espanto, sentindo claramente que alguém acabava de caminhar, atrás deles; e volvendo os olhos, avistaram às suas costas, em pé, quatro homens, quatro homenzarrões armados e barbudos, vestidos de libré como lacaios, e com bonés chatos, mantendo-os em frente na extremidade dos seus fuzis.

As duas linhas escaparam-se-lhes das mãos e começaram a descer o rio.

Em alguns segundos foram eles agarrados, presos, arrebatados, metidos numa barca e transportados à ilha.

E atrás da casa que tinham julgado abandonada avistaram uns vinte soldados alemães.

Uma espécie de gigante peludo, que fumava, a cavalo numa cadeira, um grande cachimbo de porcelana, perguntou-lhes, em excelente francês:

— Então, senhores, fizeram boa pesca?

Aí, um soldado depôs aos pés do oficial a rede cheia de peixes, que tivera o cuidado de trazer. O prussiano sorriu:

— Ah! ah! pelo que vejo, a coisa não ia mal. Mas o caso é outro. Escutem-me e não se perturbem. Para mim os senhores são dois espiões mandados para me espreitarem. Eu os prendo e fuzilo. Os senhores fingiam pescar para melhor dissimularem os seus propósitos. Caíram em minhas mãos, tanto pior para os senhores; é a guerra. Mas, como saíram pelos postos avançados, têm decerto uma palavra de ordem para entrar. Digam-me essa palavra de ordem, e eu lhes perdoarei.

Lívidos, um ao lado do outro, com as mãos agitadas por leve tremor nervoso, os dois amigos mantinham-se calados.

O oficial continuou:

— Ninguém o saberá nunca, os senhores voltarão calmamente. O segredo desaparecerá com os senhores. Se recusarem, morrerão, e imediatamente. Escolham.

Eles permaneceram imóveis, sem abrir a boca.

O prussiano, sempre calmo, prosseguiu, apontando para o rio:

— Imaginem que em cinco minutos estarão no fundo daquela água. Em cinco minutos! Os senhores têm parentes, não?

O Mont-Valérien não cessava de atroar.

Os dois pescadores continuavam em pé, e silenciosos. O alemão deu ordens na sua língua. A seguir, mudou de lugar a cadeira, para não ficar muito perto dos prisioneiros; e 12 homens se vieram colocar a vinte passos, de fuzil ao pé.

O oficial prosseguiu:

— Dou-lhes um minuto, nem dois segundos mais.

Depois, ergueu-se de supetão, aproximou-se dos dois franceses, segurou Morissot pelo braço, arrastou-o para mais longe, disse-lhe em voz baixa:

— Depressa, a palavra de ordem? Seu companheiro não saberá de coisa alguma; eu darei a impressão de ter ficado compadecido.

Morissot não respondeu nada.

Então o prussiano arrebatou o sr. Sauvage e propôs-lhe a mesma coisa.

O sr. Sauvage não respondeu.

Ficaram de novo os dois lado a lado.

E o oficial entrou a dar voz de comando. Os soldados ergueram as armas.

Então o olhar de Morissot caiu, por acaso, sobre a rede cheia de cavalas, que ficara na grama, a alguns passos dele.

Um raio de sol fazia brilhar o monte de peixes, que ainda se agitavam. Sentiu invadi-lo um desfalecimento. Apesar dos seus esforços, os olhos se lhe encheram de lágrimas. Balbuciou:

— Adeus, sr. Sauvage.

O sr. Sauvage respondeu:

— Adeus, sr. Morissot.

Apertaram-se as mãos, abalados da cabeça aos pés por invencíveis tremores.

O oficial gritou:

— Fogo!

Os 12 tiros foram como um só.

O sr. Sauvage caiu em cheio sobre o nariz. Morissot, mais alto, oscilou, girou e desabou em cima do companheiro, com o rosto para o céu, enquanto de sua túnica, crivada no peito, se escapavam borbotões de sangue.

O alemão deu novas ordens.

Seus homens se dispersaram, e voltaram depois com cordas e pedras, que ataram aos pés dos dois mortos; em seguida, levaram-nos à ribanceira.

O Mont-Valérien não parava de ribombar, toucado, agora, de uma montanha de fumaça.

Dois soldados seguraram Morissot pela cabeça e pelas pernas; dois outros pegaram o sr. Sauvage de modo idêntico. Os corpos, balançados com força por um instante, foram atirados ao longe, descreveram uma curva, depois mergulharam no rio, a prumo, arrastados pelas cordas.

A água esguichou, borbulhou, estremeceu, acalmou-se por fim, enquanto pequeninas vagas vinham até às margens.

Flutuava um pouco de sangue.

O oficial, sempre sereno, disse a meia-voz:

— Agora é a vez dos peixes.

E tornou para casa.

De repente avistou na grama a rede com as cavalas. Apanhou-a, examinou-a, sorriu, gritou:

— Wilhelm!

Acorreu um soldado de avental branco. E o prussiano, atirando-lhe a pesca dos dois fuzilados, ordenou:

— Trate de me fritar quanto antes estes bichinhos, enquanto ainda estão vivos. Será uma delícia.

E voltou a fumar o seu cachimbo.

AS JOIAS

Tendo encontrado aquela moça numa festa, em casa do seu subchefe de seção, o sr. Lantin sentiu o amor envolvê-lo feito uma rede.

Era filha de um coletor de província, que morrera havia alguns anos. Viera depois morar em Paris em companhia da mãe, que frequentava algumas famílias burguesas do seu bairro na esperança de casar a menina. Eram pobres e honrados, quietos e afáveis. A moça parecia o tipo acabado da mulher de bem, a quem o jovem morigerado sonha confiar a vida. Havia na sua beleza modesta a graça de um pudor angélico, e o imperceptível sorriso que lhe pairava sempre nos lábios parecia um reflexo do seu coração.

Era louvada por toda a gente; todos aqueles que a conheciam levavam o tempo a repetir: — “Feliz o que se ligar a esta. Não se poderia encontrar melhor.”

O sr. Lantin, então primeiro-amanuense do Ministério do Interior, com vencimentos anuais de três mil e quinhentos francos, pediu-a em casamento e a desposou.

Foi inverossimilmente feliz na escolha. Ela dirigia-lhe a casa com uma economia tão hábil que o casal parecia viver no luxo. Não havia atenções, delicadezas, mimalhices que ela não tivesse com o marido; e tão grande era a sedução de sua pessoa que, seis anos depois de se haverem encontrado, ele a amava ainda mais do que nos primeiros dias.

Somente duas paixões lhe censurava ele: a do teatro e a das joias falsas.

Suas amigas (ela conhecia algumas mulheres de modestos funcionários) estavam sempre a lhe arranjar camarotes para as peças em voga, e até para as primeiras representações; e ela arrastava o marido, a gosto ou a contragosto, para essas diversões, que o fatigavam horrorosamente após o seu dia de trabalho. Assim, ele pediu-lhe consentisse em ir ao espetáculo com alguma senhora de suas relações, que a traria de volta. Não foi sem longa relutância que ela cedeu, não lhe parecendo muito certa essa maneira de agir. Decidiu-se, afinal, por complacência, com o quê o tornou infinitamente grato.

Ora, esse gosto do teatro não tardou a despertar-lhe a necessidade de se enfeitar. Suas vestes, é verdade, continuavam a ser muito simples, sempre de bom gosto, porém modestas; e sua doce graça, sua graça irresistível, humilde e sorridente, parecia adquirir novo sabor com a simplicidade dos vestidos; ela, no entanto, contraiu o hábito de pendurar nas orelhas dois grossos seixos do Reno que simulavam diamantes, e usava colares de pérolas falsas, braceletes de pechisbeque, pentes ornados de variegadas miçangas imitantes a pedras finas.

O marido, a quem chocava um pouco essa paixão da lentejoula, repetia de vez em